



Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil: tecendo redes de agroecologia Brasil adentro e afora

Marília Cucolicchio¹, Isabela Ladeira², Tatiana Furquim³

¹Bacharela em Engenharia Ambiental pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). Email: macucolicchio@gmail.com; ²Bacharela em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Email: belaladeira1@gmail.com; ³Bacharela em Gestão Ambiental pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: tatiana@motiro.org

Resumo: O presente artigo busca apresentar a história de construção dos Encontros Nacionais dos Grupos de Agroecologia do Brasil, bem como o processo de surgimento e consolidação da Rede de Grupos de Agroecologia, refletindo sobre os princípios e metodologias desenvolvidas no interior dessa coletividade. Buscou-se realizar uma reflexão crítica sobre os acúmulos políticos e práticos dessa Rede, em cotejo com os princípios da Educação em Agroecologia.

Palavras-chaves: Juventude; Autogestão; Vivência; Autonomia; Encontros.

1. Introdução

A Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA) possui atuação direta em oito estados brasileiros articulando mais de trinta Coletivos de Agroecologia. Surgiu em 2010, durante o segundo Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia do Brasil (II ENGA) – com o intuito de promover intercâmbios e trocas de saberes, além de fortalecer pautas comuns, catalisando assim, o potencial de cada Grupo de Agroecologia (GA). Atualmente a REGA se encontra em plena expansão e conseqüente amadurecimento de suas propostas e funcionamento enquanto Rede articuladora. Acreditamos que as vivências proporcionadas pela REGA têm garantido uma formação alternativa para os indivíduos que dela participam. Além da formação ética e cidadã, as vivências proporcionam autonomia, autoconfiança, desenvolvimento de capacidades múltiplas, como a escrita e, ainda, formação política para um olhar crítico e investigativo. Em decorrência desses vários processos educativos e vivências, possíveis mudanças de paradigmas social, econômico, cultural e ambiental podem ocorrer. A REGA simboliza, por isso, um ponto importante na grande rede brasileira da agroecologia.



2. Descrição e reflexão sobre a experiência

O marco inicial do processo de construção da REGA pode ser considerado como o I ENGA, realizado em 2009 na cidade de Curitiba - PR. O ENGA surge a partir da necessidade de criação de um fórum nacional que congregasse a complexidade e diversidade de perspectivas, bem como o estabelecimento de uma estratégia permanente de articulação e organização entre os GAs. Desde a sua primeira edição, os ENGAs estão sendo realizados com grandes avanços relativos à metodologia, organização, elaboração de pautas, práticas agroecológicas de saneamento, compostagem, alimentação, entre outros. E também maior envolvimento dos GAs e outros setores da sociedade engajada na agroecologia. Anualmente cerca de 700 pessoas participam dos ENGAs.

Já a REGA, que hoje organiza e realiza os ENGAs, nasceu em 2010, um ano após o primeiro encontro, durante o II ENGA em Aldeia Velha – RJ. Ainda em estágio embrionário, tinha como objetivo dar organicidade e continuidade à articulação que começara a se estabelecer entre os grupos. A Rede passou por processos de intensa construção coletiva nos anos que seguiram. Os ENGAs refletem esses processos da Rede e têm se tornado espaços de debate político, aprendizado técnico, auto-organização e vivências lúdicas e culturais.

O crescimento da Rede demandou a organização de mais momentos de encontro para construção de pautas e debates, para além daqueles que os ENGAs proporcionavam. Nasceram então os “Sementários” da REGA. O Sementário acontece anualmente e conta com menos participantes do que os ENGAs, seu objetivo é contribuir com a construção da identidade da REGA a partir de três eixos fundamentais: organização interna, articulação com outras entidades e movimentos da agroecologia. Além disso, busca desenvolver as metodologias e identidade dos ENGAs.

Hoje a REGA articula mais de trinta coletivos de agroecologia no Brasil e possui atuação direta em nove estados brasileiros, são eles: Pará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. E são nesses encontros anuais, através das discussões e troca de informações virtuais e das ações locais de cada GA, que se dão as ações educativas da REGA.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia



Tais ações são pautadas de forma mais intensa nas seguintes temáticas: agroecologia enquanto ciência, movimento e prática; resgate e valorização de conhecimentos tradicionais, incluindo a valorização, troca e proteção das sementes crioulas; a valorização da cultura camponesa, das ervas medicinais e das plantas alimentícias não-convencionais; manifestações da cultura popular; ferramentas livres de comunicação virtual; permacultura; políticas públicas; feminismo e agroecologia; educação e juventude; economia popular solidária; metodologias organizacionais; organicidade interna que, por sua vez, abrange os temas da democracia direta e radical, autonomia, autogestão, horizontalidade, descentralização de papéis e lideranças rotativas; técnicas de produção e tecnologias sociais; e, por fim e não menos importante, o relacionamento da Rede com os movimentos sociais relacionados ao campo agroecológico nacional. É importante ressaltar que tais ações educativas ocorrem nacional, regional e localmente e, por acontecerem em rede, ganham maior força e consequente visibilidade.

Tais temáticas se manifestam de maneiras distintas em cada território e são trabalhadas de acordo com a vocação de cada GA. Esses temas e ações educativas, por sua vez, são influenciados por fatores como as demandas locais dos cursos de graduação dos campus universitários, onde muitos dos GAs estão organizados. São influências também advindas das áreas de estudo e pesquisa dos professores ligados aos GAs, dos interesses e habilidades de cada indivíduo que se soma ao Grupo, assim como pautas e necessidades dos territórios próximos a esses grupos.

A somatória das ações locais e regionais se dão nos encontros nacionais e neste momento são agregadas às demandas conjunturais da política nacional que sintetizam, assim, o conjunto das pautas e ações da REGA.

Atualmente a REGA se encontra em plena expansão e consequente desenvolvimento de suas propostas e funcionamento enquanto articuladora nacional. Tem-se buscado experimentar e incorporar, à sua gestão, propostas relativas ao uso de novas metodologias organizativas e de tomada de decisão, assim como ferramentas virtuais de comunicação de *softwares* livres.

A horizontalidade nas relações e a descentralização das atividades são dois princípios fundamentais que orientam as ações da REGA. Na Rede não existem cargos e/ou posições burocráticas fixas assumidas por uma pessoa somente. As lideranças situacionais e rotativas surgem quando um



membro de um coletivo que integra a Rede assume uma função momentaneamente necessária e, desse modo, encarrega-se da representação da Rede, respondendo e agindo em nome dela durante o desempenho dessa função. Por exemplo, em eventos externos e para suprir demandas organizacionais imediatas que se apresentem.

Nesse sentido de ideias, o termo “representante” é ressignificado e substituído por um novo conceito, o de “enzima catalizadora”.

Este termo, “enzimas catalizadoras”, é um conceito criado pela Rede para designar a pessoa que, em determinado momento, representa a REGA ou assume alguma função específica que não poderia ser desempenhada em grupo.

Assume, portanto, a prerrogativa de responder pela Rede, responsabilizando-se por acolher as ideias e encaminhamentos debatidos previamente para, justamente, catalisar, isto é, acelerar, estimular e incentivar o processo de co-criação junto à organização e/ou instituição com a qual se relaciona. Posteriormente, a enzima catalizadora deve retornar com as informações, obtidas nesse processo, para o coletivo, catalisando também os encadeamentos internos da REGA.

Outros dois princípios fundamentais que orientam as ações da Rede são a Autonomia e Autogestão. Sua construção envolve dois aspectos: o poder de determinar seus próprios regramentos e também o poder ou capacidade de realizar. Na autogestão quem manda é a necessidade, e todos os membros do coletivo são igualmente responsáveis pelo cumprimento de todas as demandas. Os princípios citados são marcos da maneira de articulação da REGA e podem ser notados de forma intensa nos encontros da Rede, sendo que, praticá-los é muitas vezes algo novo e, nesse sentido, revolucionário para os que estão entrando em contato pela primeira vez com tais conceitos e práticas, porque agregam um novo ponto de vista acerca das necessidades da coletividade, constituindo assim um maior senso de comunidade nessas individualidades participantes.

Os eventos buscam o fortalecimento dos GAs, através da maior interação e comunicação entre os mesmos, ou seja, dos coletivos que praticam e pesquisam temas correlacionados a Agroecologia dentro e fora do meio acadêmico. Busca-se levar os debates do movimento agroecológico à população,



propagando ideias, práticas e iniciativas sustentáveis e trocando experiências metodológicas e aprendizagens coletivas.

Os encontros são construídos e realizados de forma autogestionada pelos coletivos, em todos os eventos promovidos pela REGA, busca-se pôr em prática os princípios debatidos dentro da Agroecologia, como a compra de produtos da agricultura familiar agroecológica local, a produção de alimentos pelos próprios coletivos que integram a REGA em suas áreas experimentais, a utilização de tecnologias sociais para armazenagem e tratamento de água, a utilização de banheiros secos, uso de produtos de higiene e limpeza naturais, assim como nos espaços de debate utilizam-se metodologias participativas e ferramentas da comunicação não-violenta.

A realização das Feiras de Trocas de Sementes Livres é uma atividade prioritária na atuação da Rede durante seus encontros nacionais, bem como naqueles em que a REGA participa enquanto entidade organizadora.

Uma vez que a agricultura moderna tem ocasionado perda acelerada da agrobiodiversidade pela substituição de cultivares crioulas e tradicionais por cultivares modernas e altamente dependentes de insumos químicos e fertilizantes, aumenta cada vez mais a necessidade da criação de espaços que valorizem e estimulem o cultivo das sementes crioulas e tradicionais, que, além de estarem intrinsecamente vinculadas ao aspecto alimentar/nutricional das comunidades, se relacionam visceralmente com as culturas e os modos de vida comunitários onde se inserem.

A utilização das sementes crioulas visa exatamente o resgate e o aumento da utilização da biodiversidade de cada localidade, em contraponto ao processo homogeneizante da agricultura moderna. A estratégia metodológica utilizada pela Rede para dar força e visibilidade às feiras de trocas de sementes crioulas é pautá-la como uma espécie de “campanha permanente”.

As campanhas permanentes são também uma estratégia metodológica de sensibilização para unir e potencializar ações ao longo de todo o ano em torno das temáticas pertinentes à Agroecologia e à Rede e que garantem o fortalecimento da conexão entre todos os coletivos que a integram, isto é, são tática e também estratégia.



Além das trocas de sementes livres, são campanhas permanentes: a construção simultânea nacional do “Maio Agroecológico”, isto é, um mês em que os GAs devem concentrar atividades e dedicar-se a variadas iniciativas de comunicação da Agroecologia com a sociedade, o “Plante o ENGA!”, como uma campanha para que os GAs organizem áreas próprias de plantio e produção de alimentos agroecológicos destinados aos ENGAs, o apoio e participação local nos Comitês Permanentes de Luta contra os Agrotóxicos e Pela Vida.

Outro tema de destaque é a questão de gênero. Sendo a REGA uma rede que tem como princípio a igualdade entre as pessoas, busca abordar a temática de gênero nos espaços dos eventos através de rodas de conversa com mulheres, sempre propondo atividades e formas de organização sociais e econômicas que possam contribuir para elevar a autoestima, engajamento, empoderamento emocional, financeiro e político das mulheres, valorizando e valorando as atividades que realizam.

É notória a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres no Brasil. Há desigualdades históricas enormes, embora alguns avanços sejam observados também. Na divisão sexual do trabalho fica patente a diferença de salários entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo e tem a mesma formação. Continua a exploração de mulheres em fábricas e no campo, o abuso sexual, verbal, psicológico, a violência doméstica e a sexualização do corpo da mulher pelos meios de comunicação e propaganda, entre muitas outras formas de agressão e violência.

Nos espaços que a REGA constrói e participa, busca-se constantemente expor as reais e mais subliminares relações de gênero. Acredita-se que ainda se encontra distante da equanimidade de gênero enquanto movimento, mas já possui metodologias para expor e impedir agressões, lesões e rebaixamentos do papel da mulher dentro de todos os tipos de construção do movimento agroecológico. Quando adentramos para a realidade rural, estes traços de desigualdade se tornam ainda mais acentuados. A desvalorização social e econômica do trabalho realizado pela mulher, tanto produtivo quanto reprodutivo, a invasão de seu território de trabalho, os quintais das propriedades, pelas monoculturas e pelos transgênicos rouba-lhes o espaço para produzir alimentos saudáveis para suas famílias e ervas medicinais. Há também a invasão de seus territórios pelas sementes transgênicas e com isso a perda de espaço e de sua autonomia para a reprodução de suas sementes. Como se não bastasse,



há ainda a violência doméstica e sexual, muitas vezes disfarçada como desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico, geralmente realizado pela mulher e muitas vezes não considerado como trabalho.

A Rede vem buscando então metodologias que favoreçam os processos educativos em relações de gênero. Uma dessas metodologias é o “Círculo de Cultura”. Esta metodologia teve grande aplicabilidade e ênfase a partir de práticas de alfabetização de adultos, no exercício pedagógico de Paulo Freire iniciado na década de 60. Os Círculos de Cultura tem sido utilizados durante os encontros como ferramenta metodológica de discussão dos temas mais recorrentes dentro da Rede, ao encontro dos princípios de horizontalidade e autonomia.

A “Instalação artístico-pedagógica” segundo Alves (2011), guarda semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética, na multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto em que se insere. Esta metodologia tem sido utilizada durante as apresentações dos GAs presentes nos encontros da Rede, por mostrar-se como uma ferramenta facilitadora do estabelecimento de diálogo entre os coletivos, por ser uma metodologia eficientemente lúdica, criativa, sensorial e participativa. Esta metodologia também é utilizada para apresentar temáticas e fomentar debates em outros eventos de agroecologia no Brasil.

Além das anteriormente citadas, utiliza-se também a metodologia Café do Mundo nos espaços de discussão e articulação da Rede como forma de propor diretrizes que fomentem o diálogo colaborativo. Com a aplicação de tal metodologia, a exemplo do I e II Sementários, é possível estabelecer diálogos coletivos sobre a identidade, os sonhos e as propostas para a REGA. Observou-se a convergência das ideias dos variados grupos e surgiram propostas e ferramentas concretas de ação, que foram aprofundadas e debatidas em Assembleia Final.

A metodologia *Dragon Dreaming* (Sonhos do Dragão) é um instrumento para a realização de projetos coletivos e também tem sido apropriada e adaptada às necessidades da Rede. É utilizada no planejamento e execução de nossos eventos. Este é um método construído para apoiar projetos que tenham como valores centrais o crescimento pessoal de todos/as os/as envolvidos/as, o fortalecimento do sentido de comunidade e o serviço à Terra.



Criado há mais de 20 anos, o *Dragon Dreaming* vem sendo aplicado em projetos sociais, ambientais, institucionais e no planejamento estratégico participativo para o desenvolvimento comunitário sustentável. Os diversos processos utilizados nesta abordagem visam liberar a inteligência coletiva através da criatividade, da colaboração e da valorização da diversidade, a fim de potencializar os projetos que gerem um bem maior e sejam sustentadores da vida na Terra.

Com o fortalecimento de seus princípios e métodos de atuação, a REGA começou a dar passos em busca de novos horizontes. A aproximação e diálogo com a ABA – Associação Brasileira de Agroecologia e com a ANA – Articulação Nacional de Agroecologia. A relação mais direta com a ANA iniciou-se em 2012 quando a REGA passa a compor a comissão organizadora do III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA) que ocorreu em 2014, sendo este, no Brasil, o encontro de agroecologia de maior expressão dos movimentos sociais com a participação de 2100 pessoas, sendo a distribuição de representantes em proporção igual de homens e mulheres: 50% agricultores e 50% agricultoras. Esta parceria se mantém e é um resultado disso a juventude ter sido representada no processo de construção do II PLANAPO - Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, com a proposição dos “Pontos de Agroecologia”. Bianualmente os ENGAs passaram a acontecer conjuntamente com os Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBA), este é o maior evento científico de agroecologia do Brasil, sendo realizado pela ABA.

Este diálogo tem sido enriquecedor no campo da ciência agroecológica, estreitando a relação entre estudantes, professores/as e pesquisadores/as. Além disso, localmente, cada GA que integra a Rede, estando eles dentro ou fora das universidades, desenvolvem parcerias e relações particulares com as organizações locais. São estas ONGs, movimentos sociais, como a CPT - Comissão Pastoral da Terra, os NEAs - Núcleo de Educação e Agroecologia, os Grupos de Cultura Popular, entre outros. Assim, atuar nas dimensões micro e no macro é um desafio ao qual a REGA se propõe e atuar em rede criando espaços coletivos que favoreçam e acolham as diversidades.

Por integrar e construir muitos espaços educativos, tanto nas universidades, como nas escolas e escolas do campo, a REGA traz educação como pauta de destaque em seus debates. A Rede se entende enquanto um movimento de juventude que tem pautas e necessidades específicas e busca a



aproximação com outros setores das juventudes organizadas. Entende que a grande maioria dos indivíduos que a constroem está em pleno processo formativo em universidades e fora delas, portanto, a REGA é compelida a debater todas as possíveis formas de educação e questionar aquelas formas tradicionais impostas pelos meios formais.

A Rede é considerada por seus membros como um ambiente plenamente formativo e está em busca de reconhecimento formal para que esses processos educativos possam contribuir com a atuação profissional dos seus membros, para que a dedicação dos mesmos não seja somente baseada no voluntariado, mas possa trazer retorno e tornar essa dedicação mais sustentada.

No Sementário de 2015, foi debatida a proposta de uma maior profissionalização da Rede, onde ela passaria a apoiar de forma mais concreta a realização profissional de seus membros, tornando oficiais os aprendizados. São alguns exemplos das áreas de conhecimento abordadas: bioconstrução, sistemas agroflorestais, hortas agroecológicas, comunicação não violenta, dinâmicas de grupo, métodos para realização de projetos, circuitos curtos de comercialização, cultura popular, entre muitas outras. Também está em debate a criação de cursos de agroecologia autônomos como uma oportunidade de transformar os espaços dentro e fora da academia. O grande desafio da REGA é promover uma educação emancipatória.

Apesar de serem valores intrínsecos a qualquer organização que pensa a Agroecologia, não é simples colocar em prática a valorização de povos e comunidades tradicionais e seus conhecimentos. Caminha-se nesse desafio que possui linha tênue entre a real valorização e consequências benéficas para esses povos, e uma espécie de superexploração invasiva de sua cultura que não gera reais benefícios para as mesmas.

Acredita-se ter sido um passo positivo, no último CBA que aconteceu em Belém do Pará em 2015, a REGA ter pautado a participação de povos quilombolas, povos de terreiro, indígenas, raizeiros e erveiras e ter corroborado com a presença dessas coletividades promovendo espaços de diálogos horizontais dentro das dependências do congresso.

No sentido da superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual, entre teoria e prática, a REGA atua balanceando tais atividades em seus encontros e dando a igual importância para ambas.



Não há valorização desigual entre quem tem habilidade para liderar/facilitar situacionalmente uma assembleia, por exemplo, e quem tem habilidade para cavar buracos e construir banheiros secos, entende-se que sem uma e outra coisa nossos encontros não aconteceriam.

A busca é para que todos e todas possam transitar ao máximo entre todos os espaços durante os encontros, podendo escolher estar atuando em papéis que tem maior afinidade, facilidade e prática, também estimulando a experimentação de outras, com o intuito não só de conhecer algo novo, mas poder compreender na prática que todas as funções são igualmente fundamentais e valiosas.

Seus integrantes são colocados a todo tempo em situações que requerem a prática da autonomia, autogestão, horizontalidade e aprendizagem coletiva. Nos espaços construídos pela Rede não se busca fixar uma figura de líder, ou ordens a serem cumpridas. Há uma máxima na Rede de que se você percebe uma demanda, ela já é sua.

Nos espaços de debate e decisão, todos e todas têm a mesma voz e mesmo peso. É um constante processo de desconstrução e reconstrução para que não se reproduza aquilo que a cultura hegemônica preconiza. Diante de tais práticas e princípios é possível colaborar para o empoderamento e emancipação dos sujeitos que dentro dos seus coletivos conseguem tomar consciência de si, de suas capacidades, de sua importância única, exercitam-se dialeticamente e se formam nesses espaços como profissionais e seres humanos melhor preparados para dialogar com “o outro” e com o mundo.

4. Considerações finais

A cada ano a REGA avalia e repensa a sua dinâmica organizacional e, com base nos acúmulos gerados pelos processos de construção coletiva, renova e reinventa suas ações. No âmbito nacional, percebe-se que “estar em rede” tem estreitado cada vez mais a relação entre os grupos. Além de aproximar coletivos geograficamente distantes, a atuação da REGA permite o encontro de grupos próximos, mas até então desarticulados localmente.

Outra consequência observada são as transformações geradas nos indivíduos que acompanham a REGA com maior dedicação ao longo de todo ano, assim como nos indivíduos que apenas participam



dos encontros realizados pela Rede, que expressam com intensidade o entusiasmo, a alegria, o amor, a autoconfiança e o maior engajamento nas causas relacionadas à construção de uma nova sociedade.

Acredita-se que as vivências proporcionadas pela REGA e seu aprofundamento em Agroecologia tem garantido uma formação diferenciada para os estudantes e indivíduos que dela fazem parte. Além da formação ética e cidadã, as vivências proporcionam autonomia, autoconhecimento, domínio da fala, escrita e ainda, um olhar crítico e investigativo. Atributos estes que auxiliam na vida profissional, seja na facilitação de grupos, na extensão rural ou mesmo no desempenho acadêmico.

Tais vivências são fruto de uma formação acadêmico profissional extra curricular e simbolizam a passagem por uma “universidade paralela”. A REGA é, assim, um ponto importante e da grande rede brasileira da Agroecologia.

É importante ressaltar que os/as participantes da Rede também aprendem - ou aprimoram – sua relação institucional com as universidades, centros de pesquisa, instituições diversas e com o poder público de um modo geral, trabalhando pela governança nas dimensões micro e macro, por meio da realização de atividades como eventos, captação e gestão de recursos ou até mesmo na formulação de políticas públicas. Tudo isso tem um impacto social de extrema importância para a consolidação de uma democracia participativa.

Resultado do quão profundo podem ser os impactos provocados pela Rede nos indivíduos que dela fazem parte, uma experiência que se encontra em intensa fase de construção foi proposta para a Rede por duas mulheres que colaboram com a construção da mesma desde seus primórdios: o projeto “Caravana Cultural e Agroecológica Kombosa me carrega”.

As proponentes viajarão por todo o Brasil registrando as mais diversas experiências agroecológicas encontradas pelo caminho e divulgando a agroecologia de maneira ampla e lúdica. Planeja-se viajar em território nacional por ao menos dois anos, visitando grupos que já fazem parte da Rede assim como novos grupos. O projeto terá início em dezembro de 2016, tendo como ponto de partida o VII ENGA que acontecerá em Bananeiras, Paraíba. Essa experiência já está sendo uma construção prática educativa que objetiva o fortalecimento da Agroecologia em território nacional,



orientada para a defesa da democracia e do direito ao bem-viver dos povos, propõe aprofundar tais práticas ao longo de sua execução.

Outros impactos sociais e culturais de alta relevância que se externalizam a partir dos princípios e práticas da Rede estão relacionados com a difusão de conhecimentos a respeito de assuntos ligados direta e indiretamente com a Agroecologia, assuntos estes que predominantemente são acessados por apenas uma minoria social de pesquisadores e estudantes universitários. Por ser tanto uma prática dos coletivos que compõe a REGA como dos encontros da Rede o trabalho conjunto com agricultores e agricultoras, a ciência por trás da Agroecologia é compartilhada com essas pessoas com cuidados relacionados à acessibilidade, linguagem e ponderação entre teoria/prática, podendo então ser mais facilmente aplicados e gerar melhorias concretas na produtividade, na redução de impactos ambientais negativos, saúde, autoestima e renda do/a trabalhador/a do campo.

É nessa área de acesso e difusão do conhecimento que se encontram os maiores desafios para a REGA e outras instituições que trabalham com Agroecologia, porque a maioria dos fomentadores dela, enquanto ciência moderna, em comparação com as práticas ancestrais e dos movimentos sociais, são as universidades públicas, o movimento agroecológico majoritariamente estudantil, e ainda não foi capaz de extravasar efetivamente os muros da universidade e dialogar e construir com aqueles e aquelas que foram historicamente excluídos desses espaços, como a população pobre, negra e periférica.

Tanto o movimento agroecológico nacional como a REGA se mostram ainda majoritariamente brancos e elitizados, o que contradiz e agride seus próprios princípios anti-capitalistas de valorização da diversidade, construção do bem viver, economia e educação popular.

Urge ampliar o debate de questões socioeconômicas e étnicas, buscando entender porque este movimento ainda é excludente para a maioria da população brasileira, para avançarmos na construção conjunta do conhecimento agroecológico. É nesse sentido que se propõem dar ênfase a popularização do movimento agroecológico nacional, entendendo essa diretriz como resposta para os desafios citados.

Referências



ALVES, L. C. F.; MANCIO, A. B.; BARBOSA, W. A.; CARDOSO, I. M.; JUCKSCH, I.; COELHO, E. P.; SANTOS, M. L. *Troca de Saberes – Flores das sombras da tecnologia*. Teia/UFV, p. 11, Viçosa, 2011.

ANEXOS



Figura 1: Espaço da REGA durante o IX CBA em Belém do Pará – 2015.



Figura 2: Roda de diálogo com povos tradicionais promovida pela REGA durante IX CBA.



Figura 3: Instalação artístico-pedagógica da Caravana Cultural e Agroecológica Kombosa me carREGA durante a VIII Troca de Saberes em Viçosa, Minas Gerais -2016.